

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
B823	<p>O Brasil dimensionado pela história [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-823-6 DOI 10.22533/at.ed.236190312</p> <p>1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 981.65</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes bases, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO PATRIMÔNIO TERRITORIAL NA AMÉRICA PORTUGUESA	
Wagner Cavalheiro	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903121	
CAPÍTULO 2	11
PATRIMÔNIO: ESPAÇO DIDATIZADO – CASO DO INSTITUTO BRUNO SEGALLA, CAXIAS DO SUL	
Paloma Lava	
DOI 10.22533/at.ed.2361903122	
CAPÍTULO 3	21
O PATRIMÔNIO TERRITORIAL PÚBLICO E OS REGISTROS DOCUMENTAIS	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903123	
CAPÍTULO 4	32
SERRA NEGRA DO NORTE/RN – BERÇO DE UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL-NATURAL ADORMECIDO	
Rita de Cássia Dantas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903124	
CAPÍTULO 5	45
IDENTIDADE E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS MONTES GUARARAPES	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2361903125	
CAPÍTULO 6	53
ARQUIVOS, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: OS BENEFÍCIOS E OBSTÁCULOS DESSAS APROXIMAÇÕES	
Railane Antunes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903126	
CAPÍTULO 7	65
NO LINEAR DA PRIMEIRA REPÚBLICA A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS (1906–24), O PAPEL DO INSPETOR E DIRETOR	
Sandra Maria de Oliveira	
Betânia Oliveira Larteza Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2361903127	
CAPÍTULO 8	84
A QUESTÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO COTIDIANO	
O MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O PÁTIO DA CRUZ	
Editon Mioshi Arakawa Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.2361903128	

CAPÍTULO 9	97
ENSINO DE HISTÓRIA E A PRESENÇA NEGRA NOS TRÓPICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O CONTO A BOTIJA DE OURO	
Atenor Junior Pinto dos Santos Marcos Ferreira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.2361903129	
CAPÍTULO 10	107
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS ARQUIVOS ESCOLARES COMO POSSIBILIDADE DE PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS	
Vanessa Campos Mariano Ruckstadter Janete Leiko Tanno Flávio Massami Martins Ruckstadter	
DOI 10.22533/at.ed.23619031210	
CAPÍTULO 11	118
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: A ENTREVISTA COMPREENSIVA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DOS DISCURSOS DE MULHERES EDUCADORAS	
Roselia Cristina de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031211	
CAPÍTULO 12	133
ASPECTOS DA HISTÓRIA DAS CRECHES NA CIDADE DE MARÍLIA/SP, BRASIL: 1940-1997	
Josiane de Moura Dias Marquizeli	
DOI 10.22533/at.ed.23619031212	
CAPÍTULO 13	141
A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA DOS TRABALHOS REALIZADOS EM IJUÍ/RS	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031213	
CAPÍTULO 14	148
BRASIL E ÁFRICA DO SUL NO CONTEXTO DO APARTHEID: RELAÇÕES E RUPTURAS	
Mariana Schlickmann	
DOI 10.22533/at.ed.23619031214	
CAPÍTULO 15	157
ARQUITETURAS DE USO MISTO EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: SISTEMAS CONSTRUTIVOS, PRÁTICAS DE MORAR E TRABALHAR	
José Antônio de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.23619031215	
CAPÍTULO 16	174
HISTÓRIA DA SECA, DA FÉ E DO NORDESTE CANTADA PELO REI DO BAIÃO	
Romero de Albuquerque Maranhão Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031216	

CAPÍTULO 17	183
A PAISAGEM AMBIENTAL DE CUBATÃO NAS OBRAS DE NORBERTO STORI	
Romero de Albuquerque Maranhão	
Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031217	
CAPÍTULO 18	192
“A PROPRIEDADE PRIVADA É SAGRADA E PONTO FINAL”: A FALA DO PRESIDENTE BOLSONARO AOS RURALISTAS E A VIOLÊNCIA NO CAMPO	
Francivaldo Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.23619031218	
CAPÍTULO 19	200
REPRESENTAÇÕES DO JORNAL <i>O GLOBO</i> SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LEONEL BRIZOLA (1979-1980)	
Marcelo Marcon	
DOI 10.22533/at.ed.23619031219	
CAPÍTULO 20	211
A QUESTÃO CHRISTIE (1861-1863) E O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A GRÃ-BRETANHA: ECOS NA IMPRENSA, NA PINTURA, NO TEATRO E NA NARRATIVA <i>O DONATIVO DO CAPITÃO SILVESTRE</i> (1893), DO PARAENSE INGLÊS DE SOUSA	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.23619031220	
CAPÍTULO 21	227
O HOMEM QUE CRIOU SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE ENTRE AS CIÊNCIAS E A LITERATURA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031221	
CAPÍTULO 22	237
ESTÉTICA NEGRA E DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGEM NO CINEMA NEGRO DE SPIKE LEE E ZÓZIMO BULBUL	
Jéfferson Luiz da Silva Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.23619031222	
CAPÍTULO 23	248
CONSONÂNCIAS METODOLÓGICAS NAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA DO CHORO	
Denis Wan-Dick Corbi	
DOI 10.22533/at.ed.23619031223	
CAPÍTULO 24	260
DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO À IGREJA DE SATÃ - AS RESSIGNIFICAÇÕES DO BAPHOMET	
Lívian Mota Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.23619031224	

CAPÍTULO 25	271
KUÑANGUE ATY GUASU ENTRE RITUAIS: A RESISTÊNCIA DAS MULHERES KAIOWÁ E GUARANI NO MS	
Marlene Ricardi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.23619031225	
CAPÍTULO 26	279
O SILENCIO SOBRE AS AFETIVIDADES FEMININAS: ESCRAVIDÃO, GÊNERO E CORPO NO MARANHÃO COLONIAL	
Nila Michele Bastos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.23619031226	
CAPÍTULO 27	293
UM OLHAR SOBRE O URBANO NO BRASIL COLONIAL: IRMANDADES DE NEGROS E ESPACIALIDADE DA POPULAÇÃO ESCRAVA	
Valter Luiz de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.23619031227	
CAPÍTULO 28	305
O VITALISMO E AS ORIGENS DA FISILOGIA MODERNA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031228	
CAPÍTULO 29	317
RECOLHIMENTO DOS POBRES DO PÃO DO SANTO ANTÔNIO: POBREZA E ASSISTÊNCIA EM DIAMANTINA, 1901-1910	
Paula Afonso de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031229	
CAPÍTULO 30	330
REDES CEREBRAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	
Valeria Portugal	
DOI 10.22533/at.ed.23619031230	
CAPÍTULO 31	336
RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL EM GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NA DITADURA CIVIL -MILITAR: CASO VOLKSWAGEN DE SÃO BERNARDO DO CAMPO NO INQUÉRITO CIVIL-PÚBLICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL	
Nicole Naomi Handa Nomura	
DOI 10.22533/at.ed.23619031231	
CAPÍTULO 32	341
SEMEANDO AGROECOLOGIA NO TERRITÓRIO MENTAL, CONTRA A MONOCULTURA DA MENTE	
Mônica Chiffolleau	
Juliana Dias	
DOI 10.22533/at.ed.23619031232	
CAPÍTULO 33	348
SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ	
Nelson de Jesus Teixeira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031233	

CAPÍTULO 34	356
TEM PEOA NO PANTANAL? SIM! NO UNIVERSO LABORAL MASCULINO HÁ ESPAÇO PARA A MULHER	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva Sabrina Sales Araújo Patrícia Helena Mirandola Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.23619031234	
CAPÍTULO 35	368
O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II	
Vera Maria Ferreira Rodrigues Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.23619031235	
CAPÍTULO 36	374
O INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA MATEMÁTICA COMO CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL	
Valessa Leal Lessa de Sá Pinto Angelo Santos Siqueira Abel Rodolfo Garcia Lozano Sérgio Ricardo Pereira de Mattos Jhoab Pessoa de Negreiros Tereza Luzia de Mello Canalli Geovane André Teles de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031236	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	385
ÍNDICE REMISSIVO	386

A QUESTÃO CHRISTIE (1861-1863) E O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A GRÃ-BRETANHA: ECOS NA IMPRENSA, NA PINTURA, NO TEATRO E NA NARRATIVA *O DONATIVO DO CAPITÃO SILVESTRE* (1893), DO PARAENSE INGLÊS DE SOUSA

Denise Rocha

Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Fortaleza, Ceará

RESUMO: O objetivo do estudo é apresentar um episódio diplomático, ocorrido entre o Brasil e a Grã-Bretanha (1861-1863), e seus reflexos na charge, na pintura, no teatro, na crônica e no conto, como formas de narrativas engajadas. O grave impasse, conhecido como a “Questão Christie”, em alusão a William D. Christie, embaixador britânico no país, teve cinco fases: 1)- o naufrágio da barca “Prince of Wales” e o saque da carga na província do Rio Grande (maio, 1861); 2)- a morte de um brasileiro por marinheiros ingleses no Rio de Janeiro (junho, 1861); 3)- o aprisionamento de três oficiais embriagados e delinquentes da fragata “H. M. S. Forte”, no Rio (junho, 1862); 4)- a declaração do ultimato por Christie com pedidos de reparações sobre a pilhagem do navio (1861) e de desculpas pelo encarceramento dos britânicos (1862) e punições para os envolvidos (dezembro, 1862); e 5)- a interceptação de cinco navios pela Royal Navy, na baía da Guanabara, como indenização (janeiro, 1863). A análise do artigo, que será baseada nas reflexões de Burke sobre a imagem, e a de Anderson a respeito da “nação imaginada”, aborda cinco narrativas,

visuais e escritas: duas ilustrações de Henrique Fleiuss (1863); a pintura “Estudo para Questão Christie” (1864), de Victor Meirelles; a *Carta ao Sr. Christie* (1862), de Machado de Assis; as peças teatrais, *A Questão Anglo Brasileira Comentada pelo Sr. Joaquim da Costa Brasil*, de Francisco C. Vasques, e a *La Question Anglo-Bresillienne*, de Louis de Nerciat (1863); e o conto *O donativo do Capitão Silvestre* (1893), de Inglês de Sousa.

PALAVRAS-CHAVE: Questão Christie, história, nação, imagem, narrativa.

INTRODUÇÃO

Um contagiante momento de patriotismo e nacionalismo na História do Brasil, nos anos 1861 a 1863, motivado pelo conflito diplomático anglo-brasileiro, conhecido como a “Questão Christie”, na época de D. Pedro II, é tema do conto *O donativo do Capitão Silvestre* (1893), do paraense Inglês de Sousa:

Era no ano de 1862 e chegara ao Pará o vapor *Manaus*, trazendo notícia circunstanciada do conflito levantado pelo ministro inglês William Dougal Christie a propósito das reclamações de súditos brasileiros e ingleses, que deviam regular-se pela convenção de 2 de junho de 1858, e sob o pretexto da prisão de alguns oficiais da fragata *Forte*.

A atitude arrogante e violenta de Christie indignara o povo, despertando o pudor nacional, e agitando patrioticamente os ânimos.

Correra uma fâisca elétrica do sul ao norte do Império, e a corda do sentimento de nacionalidade, adormecida desde as sangrentas lutas da nossa integração política, posteriores à independência, vibrou sonoramente no coração dos paraenses. [...] Mal apontara o vapor *Manaus* e já a notícia vaga, incerta, obscura, exagerada pela viva imaginação amazonense, circulava com a rapidez do telégrafo. Já se jugava declarada a guerra, e os mais prudentes tratavam de reunir as suas alfaias e de pô-las a bom recado.

Os mais ignorantes tremiam de susto à ideia de ver surgir no porto de cima um navio de guerra de S. M. Britânica, pejado de canhões negros e ameaçadores. (SOUSA, 2008, p. 65 e 66).

O mencionado exacerbado patriotismo e pavor regional de Óbidos, interior do Pará, com distância fluvial mais de 1000 Kms. da capital, Belém, ecoava no conto, a dimensão da referida querela internacional, que era conhecida como a “Questão Christie”, em referência ao embaixador britânico no país, William Dougal Christie. Ela teve cinco episódios: 1)- o naufrágio da barca mercante “Prince of Wales” e o roubo de mercadorias (1861); 2)- a morte do brasileiro por marinheiros ingleses em uma briga no porto do Rio de Janeiro (1861); 3)- o aprisionamento de três oficiais ingleses alcoolizados da fragata “H. M. S. Forte” por atitudes marginais em uma noite (1862, RJ); 4)- a declaração do ultimato por Christie com pedidos de indenizações sobre a pilhagem do navio (1861) e de desculpas pelo encarceramento dos britânicos (1862), bem como solicitação de punições para os envolvidos (dezembro, 1863); e 5)- a interceptação de cinco navios mercantes brasileiros, como penalidades aos dois episódios anteriores: o saque (1861) e o encarceramento de cidadãos britânicos (1862), (1863, RJ).

Os eventos mencionados, ações inglesas e reações brasileiras, tiveram reflexos em narrativas visuais e escritas, que manifestam o engajamento sociopolítico de artistas e escritores diante da postura radical de Christie: as duas charges de Henrique Fleiuss (1863); a pintura *Estudo para Questão Christie* (1864), de Victor Meirelles; a crônica *Carta ao Sr. Christie* (1862), de Machado de Assis; as peças teatrais, *A Questão Anglo Brasileira Comentada pelo Sr. Joaquim da Costa Brasil*, de Francisco Correa Vasques, e *La Question Anglo-Bresillienne*, de Louis de Nerciat (1863) e a narrativa paraense, publicada somente em 1893.

As representações plásticas e literárias sobre as impetuosas atitudes bélicas inglesas e as emotivas reações no Brasil serão analisadas, segundo as reflexões de Peter Burke sobre a imagem, e a de Benedict Anderson a respeito da ideia da “nação imaginada”.

1 | A IMAGEM (PETER BURKE) E A “NAÇÃO IMAGINADA” (BENEDICT ANDERSON).

A dimensão da “Questão Christie” em distintas narrativas revela imagens da nação na época do Império do Brasil, envolvido em um episódio internacional.

Na obra *Testemunha ocular: história e imagem*, Peter Burke destaca que as imagens devem ser utilizadas para conhecimento de outras épocas. Elas não devem ser consideradas somente reflexões de períodos e locais, mas sim extensões dos contextos sociais nos quais foram produzidas.

Para o autor inglês, as imagens, como evidência do passado, são “indícios”, os quais se comunicam, e que podem ser novas testemunhas na reconstrução de tempos antigos: “[...] as imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular” (BURKE, 2004, p. 17).

Benedict Anderson (1936) propõe na *Introdução* de sua obra *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e propagação do nacionalismo* (1983), uma definição de nação como uma comunidade política imaginada, limitada e soberana. Imaginada, pois “nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão”; limitada: “porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se outras nações”; e soberana, pois: “as nações sonham em ser livres e, se sob as ordens de Deus, que seja diretamente. O penhor e o símbolo dessa liberdade é o Estado soberano”. (ANDERSON, 1989, p. 14, 15 e 16).

A ideia de uma nação ser imaginada como comunidade baseia-se no conceito de fraternidade profunda entre seus membros: “porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal”. (ANDERSON, 1989, p. 16).

As imagens podem revelar o impacto das radicais atitudes do embaixador inglês Christie em solo nacional, conforme ilustrações textuais, que refletem um nacionalismo exacerbado imerso em uma ideia de nação brasileira fraterna, a partir do Rio de Janeiro, com ecos inclusive na província do Pará.

2 | A “QUESTÃO CHRISTIE” (1861-1863).

No Brasil de D. Pedro II, a década de 1860 foi bastante conturbada com a intensificação da campanha da abolição (Lei Eusébio de Queirós (1850) sobre a proibição do tráfico escravo para o Brasil); o início da Guerra do Paraguai (1864) e incidentes e impasses como a “Questão Christie” (1861-1863), denominada em alusão a William Dougal Christie (1816-1874), ministro plenipotenciário britânico

(embaixador) no Brasil, desde 1859.

O conflituoso evento anglo-brasileiro teve duas querelas econômicas e políticas antecedentes, por causa da política imperialista do Primeiro-Ministro Lord Palmerston: 1)- o Tratado de Comércio entre o Brasil e a Grã-Bretanha (1827-1844), cuja renovação contrariava interesses nacionais sobre os preços do café e do açúcar, e 2)- a “Lei Aberdeen” (1845) que permitia à Inglaterra o aprisionamento de navios negreiros rumo ao Brasil, e que atrapalhava os interesses da elite escravocrata. Portanto, Christie já era considerado um vilão, antes do início da contenda naval, iniciada em 1861, que teve cinco episódios.

O primeiro ocorreu em maio de 1861: o naufrágio da barca mercante “Prince of Wales”, na província do Rio Grande, nos recifes da costa do Albardão, próxima à fronteira com o Uruguai, a pilhagem da carga (louças, fazendas, lenços, carvão de pedra, azeite e vinho) pela população local e a reclamação de Christie pelo saque, pelo possível assassinato de sobreviventes e pela negligência das autoridades nacionais na elucidação do caso, exigindo uma reparação financeira.

O segundo aconteceu na noite de 24 de junho de 1861: o desaparecimento de um soldado do batalhão naval, Vicente Ramos Ferreira, ferido e jogado no mar por dois marinheiros ingleses da fragata “HMS Emerald”, durante uma briga com os tripulantes de um bote de tráfego do porto do Rio de Janeiro. O governo brasileiro solicitou a Christie o envio dos acusados à fragata “Constituição”, onde aguardariam julgamento, mas nunca foi atendido, segundo Guilherme Poggio, no artigo, A questão Christie (POGGIO, s.d., p. 4).

O estado de ânimos exaltados nacionais, por causa dos incidentes com os britânicos e as declarações de Christie, refletia o medo de uma ameaça de guerra entre a deficiente frota naval brasileira frente a bem equipada Royal Navy. Foi aberta, em 1862, a “Subscrição Nacional” como “Contribuição para o Armamento do País”. Uma Comissão Central recebia os donativos e organizava a lista de subscritores para aquisição de navios de guerra. Tratava-se de uma mobilização para a defesa regional e nacional.

O terceiro episódio sucedeu na noite de 17 de junho de 1862, no Rio de Janeiro: o aprisionamento de três oficiais ingleses da fragata “H. M. S. Forte”. Embriagados, eles molestaram pedestres na Tijuca e um sentinela do destacamento policial local, ocorrendo uma luta corporal e a detenção dos mesmos. Uma simples arruaça foi considerada por Christie um caso grave que foi comunicado ao Ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil.

O quarto evento deu-se em 5 de dezembro de 1862: Christie declarou um ultimato ao governo brasileiro, em três notas com exigências: a indenização de 6.525,19 libras esterlinas pelo carregamento de provisões e pelo frete do navio “Prince of Wales” (maio de 1861); as punições do alferes e do sentinela da guarda da Tijuca; a censura pública do chefe de polícia e do oficial que receberam os prisioneiros e o envio de uma satisfação ao governo de Sua Majestade Britânica com o prazo de 20 de

dezembro para uma resposta.

No dia 29 de dezembro, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquês de Abrantes, repudiou o ultimato. Christie recusou as explicações do governo brasileiro, no dia 30, e anunciou represálias em propriedade nacional como forma de indenização. Elas foram citadas em pronunciamento público pelo Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

A repercussão da atitude inglesa por causa dos conflitos anteriores foi extremamente negativa: D. Pedro II, de 37 anos, no dia 31 de dezembro de 1862, apressou-se a ir ao Cais Pharoux, onde foi acolhido com júbilo por uma grande multidão que observava a movimentação naval. Apesar de ser orientado pelo Conselho dos Ministros a não ir até o Arsenal da Marinha, para evitar distúrbios populares, o imperador o fez, despertando um sentimento de solidariedade e excitação. O Deputado liberal Teófilo Otoni (MG) ia à frente de um grupo, que caminhava pelas ruas centrais do Rio de Janeiro, manifestando contra as principais lojas comerciais inglesas.

No dia 1º de janeiro de 1863, embarcações da Royal Navy entraram na baía da Guanabara, aprisionaram cinco navios e causaram tumulto na população. Segundo Alain Youssef, em *Questão Christie em perspectiva global: pressão britânica, guerra civil norte-americana e o início da crise da escravidão brasileira (1860-1864)*, foram proferidos discursos em defesa da soberania do Brasil e o Consulado britânico foi cercado. (EL YOUSSEF, 2018, p. 3).

Christie, que seguia as diretrizes imperialistas da coroa britânica, foi considerado *persona non grata* e deixou o Brasil no início de fevereiro de 1863.

O Brasil solicitou indenização pela apreensão dos seus navios através de sua representação em Londres, bem como pedido de desculpas pela violação do território nacional. Por causa da resposta negativa, o Ministro brasileiro em Londres, Francisco Inácio de Carvalho Moreira, apresentou, em 25 de maio de 1863, o pedido de rompimento das relações diplomáticas, que foram estabelecidas, no dia 23 de setembro de 1865. (POGGIO, s.d., p. 11)

No dia 21 de junho de 1863, o representante do governo brasileiro, em Bruxelas, foi recebido pelo rei Leopoldo, nominado para arbitrar sobre a questão da prisão dos oficiais da fragata “HMS Forte”. Ele deu parecer favorável ao Brasil.

Para Richard Graham, conforme o artigo *Os fundamentos da ruptura de relações diplomáticas entre o Brasil e a Grã-Bretanha em 1863: “A Questão Christie”*, o Brasil arriscou uma guerra:

Suas ações foram, provavelmente, determinadas pela pressão do orgulho nacional ferido, pois o nacionalismo que varreu a civilização ocidental no século XIX não deixou o Brasil imune. Mas a fanfarronada brasileira não precisou ser provada, e a decisão do rei dos Belgas em favor do Brasil deu à Inglaterra a oportunidade de honrosamente restaurar as relações diplomáticas com o Brasil em 1865, mais ou menos de acordo com as exigências brasileiras. (GRAHAM, s.d., p. 399 e 400)

Os acontecimentos ocorridos na província do Rio Grande e no Rio de Janeiro,

no final de 1861 e início de 1862, respectivamente, foram temas permanentes da imprensa, que por meio de artigos e charges demonizaram a figura de Christie, dos ingleses e da Grã-Bretanha, com repercussão em todo território nacional, promovendo adesão à lista de donativos para aparelhar a Marinha, reativando um sentimento de identidade coletiva que não era tão consolidada nas diversas províncias: ecos do imbróglio chegaram até Belém, alcançaram a pequenina Óbidos, e foram imortalizados no conto de Inglês de Sousa, e em outras linguagens.

3 | RADICALISMO DE CHRISTIE: REFLEXOS EM NARRATIVAS VISUAIS E VERBAIS

Narrativas são exposições de fatos que são expressados por diversas linguagens: pela imagem (linguagem visual), pela palavra (linguagem verbal: oral e escrita) entre outras. Algumas narrativas, visuais e verbais, como formas de manifestações de indignações patrióticas brasileiras, provocadas pelos distintos episódios de confronto entre o Brasil e a Grã-Bretanha nos anos 1861 a 1863, protagonizados por William Dougal Christie, são um tipo de “testemunho ocular” (Burke) do Brasil Império.

3.1 Charges de Henrique Fleiuss (*Semana Ilustrada* (1863))

Oriundos da Alemanha, os irmãos Fleiuss, Karl e Heinrich, chegaram no Brasil, em 1858. Heinrich, que estudou Arte em Düsseldorf e Ciências Naturais e Música em München, a conselho do pintor Von Martius, percorreu várias regiões do Nordeste e as fixou em aquarelas, paisagens e costumes locais. Os dois irmãos inauguraram o Instituto Artístico em parceria com o pintor Carlos Linde. O empreendimento, reconhecido por D. Pedro II, foi denominado Imperial Instituto Artístico, o qual fundou a *Semana Ilustrada*, iniciada em dezembro de 1860 e finalizada em abril de 1876. (FLEIUSS, s.d., p 1).

No primeiro número da revista semanal humorística, a qual tinha textos e figuras litográficas, apareceu um cartaz ilustrado que foi considerado pioneiro como meio de comunicação visual no Brasil. Publicado aos domingos, o periódico contava com a colaboração de jornalistas famosos como Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Pedro Luís, Joaquim Manuel de Macedo e Bernardo Guimarães (KORACAKIS, s.d., p. 3), segundo Teodoro Koracakis, no artigo *Machado de Assis, colaborador da Semana Ilustrada (1860-1875)*.

Na edição de 18 de janeiro de 1863, na crônica *Ao Acaso* há a seguinte pergunta sarcástica: “Quantas sumacas apresadas equivalem à dignidade offendida de um oficial da marinha britânica? Não se sabe ao certo”. Trata-se de uma referência ao aprisionamento dos cinco navios brasileiros pelas autoridades britânicas. No mesmo número está inserida uma caricatura de Christie.



Fig. 1- Christie em cima de um barril com o rótulo “Fluid gun powder” com um pavio aceso com a expressão “Direito das Gentes”.

Autoria de Henrique Fleiuss, *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1863, ano 3, nº 110, p. 878.

A caricatura mostra o político que fala para um grupo de pessoas, algumas das quais têm um saco de dinheiro. Elas mantêm o seguinte diálogo:

- Christie audi nos...

- Si, yes, mim agora ouve povo brasileiro, porque vi ter razão e fala direito, e conhece que mim gosta mais de nota de banco que de nota diplomática. Se vossê [sic] fala sempre comiga assim, eu estar sempre sua amiga de vossê, porque mim não gosta de briga. Escuta: outro dia Jonatas manda mim plantar batata, e eu responde manda Jonatas plantar algodão: Jonatas fica furiosa e quer logo briga comiga: mas John Bull correr para Petropole, tomar fresca na sua cabeça. Quando pode ouvir tinir dinheiro, John Bull não faz tinir espada. (SEMANA, 2007, p. 34)



Fig. 2- O marinheiro inglês tentando tomar posse do Brasil, sendo ameaçado por indígenas.

Autoria de Henrique Fleiuss, *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1863, ano 3, nº 111, p. 882.

Na charge acima, um marinheiro inglês, com cabeça de leão (animal-símbolo da Inglaterra), tem um pé fincado na Bretanha e arremessa o outro por cima do oceano Atlântico para apoiá-lo no Brasil, como forma de conquista. A legenda diz:

In illo tempore dixit [naquela época], Christi dixit aos seus patrícios: “ Desejando dar-vos que comer, eu estendi uma perna desde a Inglaterra até o Brasil, onde consegui pôr o pé: mas infelizmente uma chuva de flechas lançadas pelos caboclos me fizeram mais que depressa desocupar o ponto”. (FLEIUSS, 1863, p. 882)

Os brasileiros, caracterizados como indígenas belicosos, refletem as imagens pejorativas dos nativos, presentes no imaginário europeu, que lutam com arco e flecha contra o invasor que deseja ajudá-los dando-lhes comida.

3.2 Pintura “Estudo para Questão Christie” (1864), de Victor Meirelles.



Fig. 3- “Estudo para Questão Christie” (1864), de Victor Meirelles.

Pronunciamento de D. Pedro II no Paço Imperial (1863), em defesa da soberania brasileira.

Pintor, desenhista e professor, Victor Meirelles (1832-1903) matriculou-se, em 1849, no curso de pintura histórica, da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), do Rio de Janeiro. Em 1852 ganhou o prêmio de viagem de estudos para o exterior e, no ano seguinte, ele seguiu para Roma, onde frequentou, em 1854, as aulas de Tommaso Minardi (1787-1871) e, posteriormente, as de Nicola Consoni (1814-1884), com quem realizou uma série de estudos com modelo vivo. Mudou-se para Paris (1857), matriculou-se na École Supérieure des Beaux-Arts e pintou o quadro “A Primeira Missa no Brasil” (1860).

Retornou ao Brasil em 1861, e foi nomeado professor de pintura histórica da AIBA. Entre os anos de 1869 e 1872, executou duas grandes telas, “Passagem do Humaitá” e “Batalha de Riachuelo”. Em 1879, o artista participou da Exposição Geral de Belas Artes, expondo a “Batalha dos Guararapes” ao lado da “Batalha do Avaí”, de Pedro Américo (1843-1905). A partir de 1886, Meirelles passou a se dedicar à execução de panoramas da cidade do Rio de Janeiro. (MEIRELLES, s.d., p. 1)

No ano de 1864, o pintor elaborou o “Estudo para Questão Christie”, exposto no Museu Nacional de Belas Artes, do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pintura com vasta gama cromática, que demonstra o apoio da população carioca a D. Pedro II, que havia rompido as relações diplomáticas com a Inglaterra. No plano de fundo abre-se a paisagem arquitetônica urbana: Paço Imperial (à esquerda da tela), ao fundo, o Convento do Carmo (no centro) e a Igreja Nossa Senhora do Carmo, a antiga Sé (à direita). Na frente, destaca-se o Imperador, de terno escuro, sendo aclamado

por pessoas, livres e escravas. Alguns homens seguram os chapéus, como forma de saudação. A tropa da cavalaria, que fazia segurança real, tentava afastar, com espada em punho, alguns transeuntes.

A elaboração deste quadro, óleo sobre tela (47,2 de altura e 69,3 de largura), revela a faceta de artista engajado de Victor Meirelles, que quis fazer um documento pictórico sobre a decisão imperial de repudiar as pretensões imperialistas da Grã-Bretanha e a respeito da recepção positiva popular.

3.3 Carta ao Sr. Christie (1863), de Machado de Assis.

Machado de Assis (1839-1908) escreveu crônicas, sob o pseudônimo Dr. Semana, que foram publicadas na *Semana Ilustrada*, de 8 de dezembro de 1861 a 26 de junho de 1864.

Na crônica do dia 8 de fevereiro de 1863, denominada *Carta ao Sr. Christie*, Dr. Semana tece um ácido louvor a sua saída do Brasil e retorno à Inglaterra, como consequência de suas atitudes radicais que causaram uma ruptura diplomática entre os dois países. Christie foi declarado *persona non grata*, por agir com rigor de representante de país hegemônico com o Brasil escravocrata e dependente da exportação de suas matérias primas.

O cronista ironizou a imagem negativa, que Christie deixaria na História nacional, após as sucessivas afrontas à terra e ao povo:

Como talvez ainda não tenha jantado, consentirá que eu manifeste as dolorosas impressões que me sugeriu a leitura de um artigo do Diário, onde se anuncia a retirada de V. Excia. V. Excia. vai partir e nos deixa.

Sabe quanto sinto? quanto soffro? ou, economicamente falando, quanto perco? Que assunto para a imaginação caprichosa do meu desenhista era V. Excia.. E agora que ainda está de notas para cá para lá, como mulher que brigou e quer falar por último, como isto não dava matéria para as minhas quatro páginas! [...]

Mas V. Excia. Vai partir e isto me dói mais que tudo. Partir! Deixar esta terra, onde V. Excia. via o céu, para onde não sabe se irá depois de morto, e ir meter-se entre os nevoeiros de Londres! É duro, Exmo. Sr.!

O meu moleque que é instruído, lembra-me que, partindo V. Excia., nem assim ficaremos desprovidos de assunto, porque as personagens como V. Excia. ficam sempre na história, e por muito que se diga mais fica por dizer. Esta razão me consola, e praza a Deus que, sempre fiel, possa a nossa memória reproduzir nestas páginas, como exemplo, a futuros ministros, a interessante e original verônica de V. Excia.. (MACHADO DE ASSIS, 1863, p. 16 e 17).

No artigo, *Machado e a música*, Leniza Castello Branco enfatiza que, como forma de apoio literário-musical ao Brasil no episódio ultrajante, Machado de Assis compôs o *Hino Patriótico*, que foi publicado na *Semana Ilustrada*, musicado pelo maestro Júlio José Nunes, e cantado por Emília Adelaide. (BRANCO, 2008, p. 2)

3.4 As peças teatrais de 1863: *A Questão Anglo Brasileira Comentada pelo Sr. Joaquim da Costa Brasil*, de Francisco Correa Vasques, e *La Question Anglo-Bresillienne*, de Louis de Nerciat.

Duas peças teatrais foram escritas, no ano de 1863, sobre os eventos protagonizados por Christie, que tiveram que passar pela avaliação do Conservatório Dramático Brasileiro, o órgão oficial de censura teatral da Corte, segundo Silvia Cristina Martins de Souza, no artigo *Com um olho no entretenimento e outro na política: história, teatro e cotidiano politizado no Alcazar Lírico* (Rio de Janeiro, década de 1860).

A primeira, a comédia *A Questão Anglo Brasileira Comentada pelo Sr. Joaquim da Costa Brasil*, de autoria de Francisco Correa Vasques, recebeu licença para ser encenada. A estreia ocorreu no dia 28 de janeiro de 1863, no Teatro Dramático, e refletiu manifestações públicas de patriotismo, pois fazia severas críticas à Inglaterra, acusada de ser inimiga do Brasil, de quem pegava “bons tostões” das algibeiras. (SOUZA, 2012, p. 25 e 26). No final ocorria um tipo de apoteose na qual era desfraldada a bandeira do império e os versos, a seguir, eram declamados:

Conheçam se for preciso
Que o combate nos seduz
É tempo já de mostrar
Que há bravos em Santa Cruz
Sempre firmes cortaremos
Dos Bretões qualquer ardil
Não recua, quem defende
Pedro segundo e o Brasil.

(VASQUES, 1863, *apud* SOUZA, 2012, p. 26)

A segunda, a peça *La Question Anglo-Bresillienne*, escrita pelo francês Louis de Nerciat, foi enviada pela equipe do Teatro Alcazar Lírico para o Conservatório, a fim de obter licença para apresentação que foi negada. O censor Carlos José do Rosário esclareceu que a recusa devia-se ao fato de ele acreditar que “de forma alguma [poder-se-ia] tirar partido [em cena] de situações melindrosas que se não desagradavam com o socorro de motejos”. (ROSÁRIO, 1863, *apud* SOUZA, 2012, p. 25)

3.5 O conto *O donativo do Capitão Silvestre* (1893), de Inglês de Sousa: a história nacional e regional.

O advogado, político, jornalista, professor e escritor Herculano Marcos Inglês

de Sousa (1853-1918), nascido em Óbidos, no Pará, saiu de sua terra natal, aos 11 anos de idade, para estudar no Maranhão e concluiu sua formação secundária no Rio de Janeiro. Em 1872, iniciou o curso de Direito na faculdade de Recife que finalizou em São Paulo, no ano de 1876, no qual lançou, com o pseudônimo de Luiz Dolzani, os romances, *O Cacaulista* e *História de um pescador*.

Herculano Marcos casou-se com Carlota Emília Peixoto, sobrinha-neta de José Bonifácio de Andrada e Silva, em 1878. Ingressou no Partido Liberal, foi nomeado Secretário da Relação de São Paulo, tornou-se deputado da Assembleia Provincial, e elaborou o projeto de criação da Escola Normal. No ano de 1881, foi nomeado presidente de Sergipe e, no ano seguinte, do Espírito Santo. Não conseguiu reeleger-se para a Assembleia Geral (1882). Começou a advogar em Santos (1883), e mudou-se para São Paulo (1890), onde fundou o Banco de Melhoramentos de São Paulo. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, e foi convidado para lecionar as disciplinas de direito comercial e marítimo, na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais (1894), na qual foi nomeado diretor em 1902. Publicou *Títulos ao Portador no Direito Brasileiro* (1898). Dez anos mais tarde, ele tornou-se Presidente do Instituto da Ordem dos Advogados e do 2. Congresso Jurídico Brasileiro. Ao representar o Brasil no Congresso Financeiro Pan-Americano, em Buenos Aires (1916), ele foi eleito Presidente da Comissão para unificação da legislação sobre letras de câmbio.

Quando era estudante, Inglês de Sousa iniciou sua carreira de escritor e de jornalista, inicialmente como secretário de redação do jornal liberal *A Tribuna*, de São Paulo. Após ingressar no Partido Liberal, ele fundou o *Diário de Santos* e a *Tribuna Liberal*, na mesma cidade, na província de São Paulo. Ele foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira e Letras (ABL), na qual ocupou a Cadeira 28, cujo patrono é Manuel Antônio de Almeida. Por ser advogado, Herculano Marcos foi responsável por toda a documentação legal da ABL, principalmente, pelos estatutos.

Sua obra escrita na diáspora, que aborda várias facetas da vida em algumas regiões do Pará - fatos históricos, costumes, tradições, superstições e o fantástico -, dos anos 1830 ao final do século XIX, é ampla: os romances *O Cacaulista* e *História de um pescador* (1876), *O Coronel Sangrado* (1877) e *O missionário* (1891); e a antologia *Contos amazônicos* (1893) que abrange nove narrativas: *Voluntário*, *A Feiticeira*, *Amor de Maria*, *Acauã*, *O Donativo do Capitão Silvestre*, *O Gado do Valha-me-Deus*, *O Baile do Judeu*, *A Quadrilha de Jacó Patacho* e *O Rebelde*.

Antônio Carlos Olivieri, no artigo *Por que ler O missionário*, explica sobre a influência do movimento literário denominado de Naturalismo nos dois romances iniciais de Inglês de Sousa:

Em *O cacaulista* e *O coronel Sangrado* (de 1876 e 1877, contra *O Mulato*, de 1881), já se encontram princípios que iriam nortear a prosa naturalista, como a investigação das relações homem – meio, ou a projeção de um romance seriado que constituísse um amplo documento da vida social na Amazônia. (OLIVIERI, 2000, p. 4)

O crítico literário Afrânio Coutinho, em “Estilos de época. Era de transição” na *História da Literatura brasileira*, destacou que Inglês de Sousa tinha como objetivo de sua obra: “[...] fixar cenas da vida do Amazona”. Para Coutinho, os textos do escritor paraense refletem elementos do regionalismo: “São um conjunto documentário ecológico e sociológico importante, estudando a pesca, a extração do cacau, a vida política, religiosa e social do interior do Pará”. (COUTINHO, 1999, p. 243).

A redescoberta da obra do escritor paraense e sua valorização foram consolidadas no estudo de Lúcia Miguel Pereira, “Naturalismo”, em *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*:

[...] a obra de Inglês de Sousa apresenta-se como um documento social, fixando aspectos vários da Amazônia, da Amazônia do cacau e da pesca, região meio selvagem onde a vida era sempre uma luta; luta do tapuio contra o proprietário que o explora, na *História de um pescador*; luta do mulato ambicioso contra o branco que não o quer considerar seu igual, no *Cacaulista* e no *Coronel Sangrado*; luta do indivíduo superior contra o meio mesquinho, no *Missionário*; em todos eles, luta do homem contra o homem, e contra a natureza que o ameaça física e moralmente... (PEREIRA, 1973, p. 158).

No conto *O Donativo do Capitão Silvestre*, o narrador evoca dois momentos históricos que motivaram exaltados episódios civis de identidade regional e nacional na população paraense: a “Cabanagem”, rebelião iniciada nos anos 1820, para tirar portugueses de altos cargos administrativos e militares, no período pós-independência, e eclodida, de forma violenta, em 1835: “Os filhos da Amazônia ainda sentem girar-lhes nas veias o sangue de Paiquicé e de Patroni. No fundo, todos temos ainda alguma coisa dos cabanos de 1835”. (SOUSA, 2008, p. 65); e o conflito diplomático anglo-brasileiro, protagonizado pelo embaixador Christie..

3.5.1 A política de subscrição em Óbidos (PA)

As obras de Inglês de Sousa podem ser consideradas evocações de suas memórias pessoais e gerais do Pará que deixou aos 11 anos de idade e nunca mais visitou. Segundo Bella Jozef, organizador da obra *Inglês de Sousa: textos escolhidos*, o avô do autor, Silvestre José Rodrigues de Sousa, morador da pacata Óbidos, é o capitão Silvestre do conto homônimo (JOZEF, 1963, p. 5).

A narrativa *O Donativo do Capitão Silvestre* tem somente personagens masculinas: o Coronel Gama, chefe do Partido Conservador, e o juiz municipal, responsáveis pela lista de donativos; o Juiz de direito; o Capitão Severino de Paiva; o Capitão Matias; o Delegado de polícia; o Padre José; o Escrivão Ferreira; o Professor Gonçalves; Antônio da Ribeira, Anselmo, Marcelino, José do Monte; e o Capitão Dr. Silvestre José Rodrigues de Sousa.

A repercussão da querela “Christie” na periférica Óbidos provocou o interesse de duas autoridades locais - o Coronel Gama, chefe do Partido Conservador, e o juiz municipal - em organizar uma lista para angariar os donativos, pois:

O governo imperial, receoso de uma luta armada com a Inglaterra, apelava para o patriotismo dos brasileiros, e enquanto a intervenção dos reis de Portugal e da Bélgica procurava dar uma solução amigável à pendência, tratava o gabinete de São Cristóvão de promover o armamento do país, e fora lembrado o meio das subscrições populares, para remediar a carência de recursos no tesouro público.

Invocava-se o nunca desmentido patriotismo dos paraenses; pintava-se o insulto do inglês com cores carregadas e os agentes oficiosos, tanto pela imprensa como pela propaganda oral, procuravam incendiar os ânimos, lançando nos corações a centelha que gera heroísmos. (SOUSA, 2008, p. 66).

A generosidade popular ocasionou, inclusive, a vinda rápida de humildes ribeirinhos para Óbidos, a fim de fazer donativos, baixos monetariamente, mas que tinham dimensão simbólica:

Aflúia à cidade o povo dos arredores, trazendo ovos, galinhas, bananas, cacau seco e alguns magros cobs azinhavrados com que cada um dos subscritores concorria para a compra do armamento. Desde a importante soma de quinhentos mil-réis, assinada pelo coronel Gama e por dois ou três comerciantes até o produto de meia dúzia de ovos de galinha, trazidos por alguma velha tapuia, havia donativos de todos os valores, e nada mais tocante do que ver a humilde fiandeira de algodão, o simples pescador de tartarugas, lançar mão do único recurso que tinha em casa, uns ovos, uma cuia pintada, um rosário de contas ou o “bacamarte” de ouro, que representava a economia de muitos meses, talvez de anos, para levá-los orgulhosamente ao coronel Gama, a fim de ajudar a vencer os navios de guerra da rainha Vitória!. (SOUSA, 2008, p. 66 e 67).

3.5.2 Capitão Silvestre: bofetada no governo imperial e nos ricos obidenses

De simples negociante, a rico fazendeiro e a cidadão patriota, Silvestre José Rodrigues de Sousa era considerado um ser exemplar pelos escravos, agregados e vizinhos.

O Coronel Gama, chefe do Partido Conservador, e o juiz municipal vão até sua casa para angariar fundos financeiros, na tentativa de completar dez mil contos e, com isso, impressionar o Presidente da província. O pedante juiz declama seu conhecimento do inglês e do latim, ao tentar convencer o capitão a fazer uma contribuição régia para a lista de subscrição:

- Os brios nacionais, senhor capitão, acabam de sofrer uma sangrenta afronta de um representante oficial da velha Albion.

- Da Inglaterra ... – explicou o Gama, complacente.

- Não me admira isso - murmurou o Silvestre, com os lábios meio fechados. – E o governo?

- Aí é que pega o carro! - exclamou o coronel Gama, dando uma forte palmada na perna direita.

Eis a questão, *that is the question*, como dizem os tais ingleses, ou *hoc opus hic labor est*, como diziam os romanos do outro tempo.

E o juiz municipal, tendo assim mostrado a sua erudição em línguas, continuou:

- O governo não podia conservar-se indiferente ao insulto do bretão à dignidade nacional, mandando aprisionar navios brasileiros em plena paz e dentro da formosa baía de Guanabara. Entretanto as circunstâncias eram críticas. O inglês ameaçava a cidade do Rio de Janeiro, que não está preparada para a defesa, e o nosso país, como todos nós sabemos, não pode lutar de frente com as hostes da soberana do mar. Daí a necessidade da prudência, como muito bem compreendeu o gabinete imperial. O governo brasileiro, apesar de ter carradas de razão, pois se escudava em uma convenção solene e no direito das gentes, limitou-se à via diplomática. (SOUSA, 2008, p. 71 e 72).

O juiz, depois de traçar o panorama político nacional, abalado pelas medidas radicais de Christie, apela para o patriotismo do abastado senhor:

- Já vê Vossa Senhoria, senhor capitão, que o governo não contou em vão com esse sentimento inato no coração de todos os filhos da Terra de Santa Cruz. Por toda parte, formaram-se espontaneamente comissões, organizaram-se listas, e os donativos afluem com entusiasmo que faz honra ao nosso povo, e que há de mostrar a sir William Christie que não se esbofeteia impunemente uma nação briosa. (SOUSA, 2008, p.72).

O Capitão Silvestre anuncia uma generosíssima doação de “cem bacamartes”, que é entendido pelos presentes como cem bacamartes de ouro. A expressão bacamarte era dúbia, significava arma ou uma moeda de ouro dos Estados Unidos que era válida no interior do Pará. A oferta generosa provoca admiração, pois era uma quantia superior aos quinhentos mil réis doados por Figueiredo, Machado, Nunes, Gama e Vitorino. Chocando a todos, Silvestre anunciou: “e quinhentos cartuchos embalados para guerrear esse governo que barateia os brios da nação”. (SOUSA, 2008, p. 73). A fala ácida contra a frouxidão do governo nacional revela a indignação do capitão pela subserviência brasileira ao sistema imperialista britânico. A fim de combater tal inércia, ele declara uma guerra com bacamartes. Ou seja, uma peleja bélica regional dentro da imoral batalha de Christie que o Imperador queria revidar por canais diplomáticos, segundo o altivo Capitão.

4 | CONCLUSÃO

A dinâmica do imbróglio de caráter internacional, agravada pelas atitudes afrontosas de Christie ao governo imperial, o tornou inimigo público número 1 do Brasil, nos anos 1861 a 1863, e teve repercussão em narrativas, visuais e escritas, que revelam o engajamento sociopolítico dos autores: Henrique Fleiuss, Victor Meirelles, Machado de Assis, Francisco Correa Vasques, Louis de Nerciat e Inglês de Sousa. Tais tipos de imagens sobre a “Questão Christie” revelam o valor de textos como “testemunhas” que podem ser observados para compreensão de outras épocas, segundo Peter Burke na obra *Testemunha ocular: história e imagem*.

As representações artísticas de patriotismo e nacionalismo dos cidadãos, acima mencionados, com severas críticas a Christie, em defesa dos interesses da nação

brasileira frente à arrogância inglesa, mostram a cristalização de uma ideia de nação com pessoas de diferentes classes e posições sociais, em diferentes partes do país, vinculadas a um “projeto comum de âmbito nacional” (Anderson): a de preservar a soberania e a dignidade do país e a de denegrir a imagem da Grã-Bretanha.

A imagem da comunhão do Brasil e de seus habitantes (“nação imaginada”), em forma de diferentes desagregos, expressados em distintas linguagens, indica que a nação é limitada, pois tem fronteiras fixas, mesmo que suas dimensões sejam gigantescas, como a distância entre a capital Rio de Janeiro e a interiorana Óbidos, no Pará, mas ambas fazem parte do mesmo território. A nação é *soberana*, tem desejos de liberdade (Anderson), e não admite agressões de diplomata Christie em sua área geográfica e política.

A nação, como uma comunidade política imaginada, limitada e soberana, evidencia-se no conto *O donativo do capitão Silvestre*, de Inglês de Sousa, que apresenta as manifestações de um ideário patriótico, manifestado em donativos doados pelos ribeirinhos e pela elite político-financeira, mas que foi rechaçada pelo capitão Silvestre, que não deixou se influenciar pela histeria coletiva, e doou armas e cartuchos para “guerrear esse governo que barateia os brios da nação”. (SOUSA, 2008, p. 73).

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BRANCO, Leniza Castello. Machado e a música. *Revista Fronteiraz*, PUC, São Paulo, v. 2, nº 2, dez. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n2/download/massis_e_a_musica.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2019.

COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. 5. ed. ver. e atual. São Paulo: Global, 1999. v. 4, parte II: Estilos de época/ Era de transição.

EL YOUSSEF, Alain. Questão Christie em perspectiva global: pressão britânica, guerra civil norte-americana e o início da crise da escravidão brasileira (1860-1864). *Revista de História*, São Paulo, nº 177, p.1-26, 2018.

FLEIUSS, Henrique. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_Fleiuuss>. Acesso em: 6 abr. 2019.

GRAHAM, Richard. Os fundamentos da ruptura de relações diplomáticas entre o Brasil e a Grã-Bretanha em 1863: “A Questão Christie” (II). Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/revhistoria/article/view/121625>>. Acesso em: 6 abr. 2019.

JOZEF, Bella (Org.). *Inglês de Sousa: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1963.

KORACAKIS, Teodoro. *Machado de Assis, colaborador da Semana Ilustrada (1860-1875)*. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Machado%20de%20Assis,%20colaborador%20da%20Semana%20Ilustrada%20\(1860%20%E2%80%93%201875\).pdf](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Machado%20de%20Assis,%20colaborador%20da%20Semana%20Ilustrada%20(1860%20%E2%80%93%201875).pdf)>. Acesso em: 6 abr. 2019.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Crônicas do Dr. Semana*. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/obra.../60_91a8334e492806f21af56c0dc876db6f>. Acesso em: 7 abr. 2019.

MEIRELLES, Victor. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8725/victor-meirelles>>. Acesso em: 7 abr. 2019.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Naturalismo. In: _____. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

POGGIO, Guilherme. *A questão Christie*. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/historia/Artigos/i_contemporanea/PDF/questao_christie.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2019.

SEMANA ILUSTRADA: História de uma inovação editorial. Org. da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria, 2007. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101427/memoria19.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2019.

SOUZA, Sílvia Cristina Martins de. COM UM OLHO NO ENTRETENIMENTO E OUTRO NA POLÍTICA: HISTÓRIA, TEATRO E COTIDIANO POLITIZADO NO ALCAZAR LÍRICO (RIO DE JANEIRO, DÉCADA DE 1860). *Baleia na Rede*. Estudos em arte e sociedade, v. 9, nº 1, p. 15-33, 2012. Disponível em: www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/.../2211. Acesso em: 6 abr. 2019.

ICONOGRAFIA

Fig. 1- Christie em cima de um barril com o rótulo “Fluid gun powder” com um pavio aceso com a expressão “Direito das Gentes”. Autoria de Henrique Fleiuss, *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1863, ano 3, nº 110, p. 878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/702951/per702951_1863_00110.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

Fig. 2- O marinheiro inglês tentando tomar posse do Brasil, sendo ameaçado por indígenas. Autoria de Henrique Fleiuss, *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1863, ano 3, nº 111, p. 882. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/702951/per702951_1863_00111.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

Fig. 3- “Estudo para Questão Christie” (1864), de Vitor Meirelles. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/brasil/comments/7h390x/dom_pedro_ii_sendo_aclamado_pelo_povo_do_rio_de/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

DENISE PEREIRA - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

MARISTELA CARNEIRO- Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 3, 6, 26, 42, 50, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 76, 80, 82, 102, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 160, 161, 301, 321, 322, 369

África do Sul 148, 149, 150, 151, 154, 155

Arquitetura 32, 143, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Arquivo 1, 21, 26, 27, 29, 30, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 77, 78, 81, 87, 111, 113, 115, 116, 117, 144, 243, 258, 371

Arquivos escolares 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116

Arquivos municipais 1

B

Bens patrimoniais 50, 55, 107, 108

Berçário “Mãe Cristina” 133, 134, 135, 137, 138

Burocracia 8, 65, 70, 80

C

Cidadania 11, 12, 15, 16, 19, 56, 152, 153

Cidade 1, 5, 8, 12, 13, 14, 16, 21, 26, 35, 40, 41, 42, 56, 68, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 95, 96, 98, 102, 106, 109, 111, 114, 120, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 147, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 179, 184, 185, 186, 187, 205, 218, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 260, 268, 282, 288, 293, 296, 300, 301, 302, 303, 317, 319, 321, 323, 354, 359, 361

Construir 23, 85, 87, 101, 110, 123, 147, 157, 158, 172, 206, 209, 337, 341, 342, 345, 357

Creche 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 10, 12, 13, 16, 20, 27, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 43, 50, 55, 60, 61, 63, 68, 81, 82, 89, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 112, 113, 115, 117, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 147, 151, 153, 154, 157, 161, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 183, 190, 241, 242, 247, 249, 253, 259, 272, 273, 275, 276, 279, 281, 282, 291, 292, 343, 345, 347, 350, 355, 359, 360, 365, 366, 367, 372, 373, 376, 382, 384, 385

Culturas políticas 148, 149, 151, 154, 155

E

Educação patrimonial 11, 12, 13, 16, 19, 20, 53, 54, 55, 56, 63, 107, 108, 109, 112, 113, 117

Ensino 12, 13, 18, 19, 20, 39, 53, 54, 55, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 111, 112, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 147, 261, 270, 356, 368, 370, 371, 372, 374, 375, 379, 380, 381, 385

Ensino de história 12, 18, 19, 20, 53, 54, 97, 102, 105, 261, 270

Ensino primário 65, 66, 69, 80, 82

Estudos africanos 148, 155

Exército brasileiro 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 125, 144, 147

F

Fiscalização 26, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 80

Fontes históricas 6, 11, 17, 18, 20, 67, 113, 115, 318

G

Grupo escolar 65, 66, 68, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 167

H

História 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 40, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 66, 67, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 164, 165, 171, 172, 173, 174, 175, 182, 183, 190, 191, 192, 200, 201, 204, 210, 211, 213, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 240, 242, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 270, 271, 272, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 290, 291, 292, 294, 296, 301, 303, 304, 318, 324, 328, 329, 355, 356, 358, 360, 361, 364, 365, 366, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 376, 377, 379, 381, 382, 383, 384, 385

História da educação 66, 67, 82, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 133, 134, 139

História do tempo presente 148

História militar 141, 142, 143, 144, 147

Historiografia 6, 21, 100, 110, 114, 117, 127, 141, 142, 143, 146, 147, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 280, 281, 282, 290, 292, 294, 336, 339, 376, 383

I

Identidade 2, 3, 10, 12, 13, 19, 22, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 57, 63, 70, 95, 96, 100, 101, 103, 106, 108, 113, 114, 143, 149, 153, 157, 161, 172, 202, 216, 222, 241, 243, 244, 245, 246, 253, 258, 275, 281, 289, 291, 333, 334, 343, 346, 350, 355, 364, 366, 384

Instituições profissionais 133

Interdisciplinaridade 2, 174, 183

Intervenção 84, 95, 106, 162, 203, 223, 354

L

Lei 10639/03 97, 98

Luiz Gonzaga 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

M

Memória 11, 12, 13, 19, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 82, 84, 85, 87, 93, 95, 96, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 123, 125, 127, 129, 133, 142, 144, 151, 157, 172, 173, 174, 208, 219, 248, 250, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 292, 303, 319, 320, 323, 324, 333, 334, 340, 350, 364, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 378

Montes Guararapes 45, 46, 47, 48, 49, 51

Monumento às bandeiras 84, 85, 86, 87, 91, 92, 95, 96

Morar 77, 157, 158, 165, 166, 172, 177

Município 1, 3, 4, 5, 6, 9, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 53, 57, 72, 73, 128, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 160, 162, 186, 273, 274, 275, 361

Música 98, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 184, 216, 219, 225, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257, 258, 259

P

Pátio da cruz 84, 85, 90, 93, 94, 95

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 63, 84, 91, 95, 96, 107, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 134, 149, 157, 161, 171, 172, 173, 177, 294, 298, 299, 300, 369, 371

Patrimônio cultural 1, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 30, 41, 49, 52, 54, 63, 96, 109, 113, 149, 157, 172

Patrimônio territorial 1, 3, 4, 5, 7, 9, 21, 22, 24, 25, 26

Potencialidades 23, 32, 40, 41, 44

Presença negra 97, 98, 99, 240

R

Registros documentais 21

Relações internacionais 148, 149, 150, 155

S

São Francisco do Sul 1, 9, 10, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30

Serra Negra do Norte 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44

Sociedade 1, 4, 12, 19, 22, 23, 24, 29, 32, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 102, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 125, 126, 127, 142, 143, 145, 152, 153, 157, 159, 160, 161, 171, 172, 173, 190, 194, 195, 197, 198, 226, 230, 238, 240, 244, 254, 256, 275, 276, 279, 281, 286, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 318, 320, 321, 322, 323, 333, 346, 347, 355, 361, 365, 368, 372, 373, 374, 378, 381, 382

T

Trabalhar 42, 63, 79, 100, 101, 123, 127, 137, 157, 158, 160, 165, 166, 172, 177, 279, 307, 308, 361, 362, 369

Turismo sustentável 32, 41

V

Vigésio Sétimo 27º Grupo de Artilharia de Campanha 141, 142, 144

Vila 1, 5, 8, 21, 26, 41, 160, 168, 283

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-823-6

